
O atendimento familiar e a presença do hospital geral

Family care and the presence of the general hospital

Ada Pelegrini Lemos¹

Antes de mais nada é necessário explicar qual o conceito que iremos usar e que em seguida ilustraremos, com um material prático, sobre este fenômeno universal tão conhecido e desconhecido chamado "Família".

Sendo assim vamos definir família como sendo um sistema de interação que supera e articula dentro dela os vários componentes individuais¹, e cujo produto supera e arrasta as individualidades existentes nos sistemas.

Sendo assim toda transformação, modificação de qualquer natureza que ocorra em uma unidade ou indivíduo deste sistema, desta rede, altera as demais unidades e sendo assim o sistema como um todo. E a interação assim se torna o canal retroalimentador de todo o sistema.

Vamos agora trazer-lhes a caracterização e um trecho de uma sessão, de uma família, tentando transmitir-lhes com vivacidade e movimento o conceito em questão.

O sistema familiar é composto por três elementos: Roberto, Hilda e L., o filho com sete anos na ocasião do atendimento (os nomes são fictícios). Roberto, o pai com 37 anos de idade é o filho mais velho de quatro irmãos, sendo duas mulheres e o irmão caçula. O pai é alcoólatra e a mãe aparenta graves problemas somáticos: "hipertensão, complicações renais e biliares". Estes sintomas surgiram quando há mais ou menos 10 anos, aqui chegaram procedentes da Bolívia. Lá tiveram problemas políticos e principalmente econômicos bastante sérios, agravados por uma "má administração paterna", segundo o cliente, o que os obrigou a emigrarem. No Brasil o nível socioeconômico de sua família de origem, baixou enormemente. Na Bolívia gozavam de muito prestígio social, com acesso ao poder político e econômico, auferiram inúmeros benefícios desta situação que resultavam em apoio e proteção para manutenção do funcionamento familiar.

Um dos seus irmãos, o caçula, com mais de 21 anos no momento, 2 anos após a chegada da família, sofreu um surto esquizofrênico agudo e está internado. Roberto assumiu a provisão e o manejo da família desde a saída da Bolívia e, no Brasil tornou-se praticamente o provedor único do seu grupo familiar de origem. Hoje é um homem bem sucedido em sua carreira de executivo, atuando como gerente em uma exigente empresa multinacional. A família é católica, mas "não ligamos muito para isto" (Sic).

Hilda, sua mulher, com 31 anos de idade é filha única de um casal de origem eslava, católicos praticantes, emigrantes. No seu país de origem eram lavradores e em função de melhores perspectivas vieram para o Brasil, principalmente, porque aqui "não haviam guerras" (Sic). Aqui se tornaram pequenos comerciantes e hoje são aposentados. Residem numa casa "bem feita" (Sic) que o genro construiu no fundo do quintal da própria casa, onde reside o casal. Hilda terminou um curso técnico antes de casar-se e por um tempo relativamente longo tornou-se "funcionária estimada e eficiente" (Sic) de uma empresa.

É uma eficiente dona de casa "eu não tenho empregada, faço tudo sozinha e não me atrapalho nem um pouco; nem de faxineira eu gosto" (Sic). Como mãe, é muito responsável, segundo o marido. O casal nos procurou em função de um ambiente insuportável decorrentes de brigas, chegando a agressões físicas constantes, também por problemas de indisciplina que o filho vem enfrentando na escola.

Roberto vem apresentando um quadro de alcoolismo nos finais de semana e Hilda, fortíssimas crises de enxaqueca. Qual seja: temos uma família em situação de crise. Procuraremos agora, transmitir um determinado trecho da sessão:

"Hilda: Fala Roberto, hoje eu não tenho vontade de falar...

Roberto: Minha mãe esta semana ficou muito doente de novo Dr^a quase precisou ser internada. Ela tem pressão alta, a Sr^a sabe, e complicou novamente com

⁽¹⁾ Doutora em Serviço Social pela PUC-SP, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Família da PUC-SP, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação "Latu-Sensus" Família: Dinâmicas e Processos de Mudança da PUC-SP e Terapeuta Familiar.

os rins. Minha irmã me telefonou dizendo que iria levá-la ao médico.

Hilda: E aí Dr^a ele entrou em pânico, como sempre. E isto eu não agüento mais! Ele começa a gritar comigo, com o menino, fica aos berros. Fique quieto aí menino e não se mexa! Para aí e não saia do lugar! Eu, no começo fui até calma e tentei falar com ele; calma sua mãe vai ao médico, você sabe como ela é, ela se apavora muito. Mas aí ele vem contra mim. Você não se importa com o que acontece com minha mãe! Ligou três vezes para a casa dela em menos de meia hora.

Roberto: Porque eu tinha medo que ela perdesse a consulta. Ela e minha irmã estavam se atrasando e não saíam de casa...

Hilda: Veja Dr^a, só saíram as duas de casa quase 6 horas. E sabe porque? Porque minha sogra não sai sem se arrumar muito bem e não gosta de sair de dia. Será que então ela estava tão mal assim? e jamais tomam ônibus. Eu não agüento mais vê-lo assim. Eu vou acabar desistindo: hora é a mãe! O mês passado foi o irmão de novo, depois o pai... não dá.

Roberto: Aí Dr^a, ela diz para mim: você dá R\$10,00 para sua mãe, então tem que dar R\$100,00 para mim. E vai exigindo... Ela não entende que eu não posso abandonar minha mãe ou minha família...

Hilda: Mas o que eu não agüento é o seu escândalo. Dr^a ele não conseguiu trabalhar naquele dia. Não conseguia ficar quieto um minuto. Você se descontrola Roberto e não quer aceitar isso. Será que você não percebeu ainda que sua mãe ou qualquer pessoa de sua família põe você assim?

Roberto: Mas Dr^a o que ela esquece é que esta semana, ela estava absolutamente descontrolada com nosso filho. Eu aponteí com o carro na esquina e já ouvi os gritos dela. Fulano venha cá, já. E nem sei o que mais... Ela está nervosa demais.

Hilda: E a Sr^a sabe Dr^a, que L, o meu filho não dá a mínima atenção para o que eu peço? De manhã eu estou sobrecarregada em casa, e a Sra. sabe, eu só tenho faxineira. Então fico em cima dele: L, se troca. Afinal eu não preciso trocar um menino de sete anos. L, escova os dentes. Ele nem liga. Eu, não sei mais o que faço. Bater? mas como? bater toda hora? eu já fiz isto. Não adianta.

Terapeuta: Vejam, de fato se sentem e estão perdidos. Hilda vê você Roberto, e aí está a ameaça, completamente frágil e acessível frente as necessidades e pedidos de sua família. E aí você faz ver a ele o que é se experimentar perdido ou impotente assinalando a impotência dela com L. Acho Hilda, que através de

acusá-la de sua atitude para com L; Roberto quer lhe dizer: você fica com ele igual ao que eu fico com minha mãe. Ambos concordam dizendo: é, é bem possível.

Hilda então diz: é; é isto, eu não agüento sentir que ele não se defende da mãe. Faz mal para mim. Ela faz dele o que quer... É quase ridículo.

Terapeuta: É, acho, que você não se defende mesmo Roberto, tal como você Hilda, não está conseguindo se sentir forte diante de L. Mas o que eu queria mostrar é que neste jogo de denunciar impotências, entre vocês. Você, Roberto, deve acabar inconscientemente permitindo a L que desrespeite Hilda.

Roberto: É, é possível porque eu nem sempre digo a ele que obedeça a mãe.

Hilda: Nem sempre? Porque você não diz raramente?

Terapeuta: Pois é Hilda, porque ele precisa te mostrar como é que ele se sente. E aí L, vai se aproveitando disto.

Hilda: Ele olha para mim e diz: quero ver só se você pode comigo.

Roberto: Chii..., então Dr^a, L está entre nós dois de novo; como há dois meses atrás...

Terapeuta: Exatamente.

Hilda: E sabe, eu acho também que tanto eu, quanto o Roberto perguntamos coisas à L, que não devíamos perguntar. Explica Roberto, o que aconteceu ontem à noite...

Roberto: Ontem L me dizia: eu não vou contar ao papai o que a mamãe falou para a vovó no telefone. Aí eu disse à ele: ou você me conta, ou te dou uma surra.

Hilda: Eu acho que ele não está certo nisto. Eu acho, eu não sei bem o que é, mas não está certo.

Roberto: E ela, Dr^a também acredita no L. quando ele diz para ela: sabe o que o papai disse mamãe? Olha só que pedaço de mulher. Aí ela fica louca. E vai perguntando ao menino se eu olhei, o que eu fiz, e por aí afora.

Terapeuta: Vejam que ambos se deixam seduzir pelas intrigas infantis de L. Você, Roberto fica fraco diante dele quando precisa que ele lhe dê uma informação ou outra. E você Hilda do mesmo modo, L, sabe disto e aproveita deste poder que vocês lhe oferecem, mas fica sem a autoridade paterna. Ele acaba sentindo que os separa, que os faz brigar e isto lhe faz mal. E no fundo fica sem pai e sem mãe..."

Como vimos Hilda condiciona Roberto, que condiciona Hilda que condicionam L, e L os condiciona. Todo este movimento é retroalimentador, é constante e simultâneo. Se observarmos, veremos que existe, além deste processo retroalimentador, uma ordem padronizada neste caos aparente: L é o vértice de uma triangulação que em Terapia Familiar chamamos de *perversa*; isto é, quando se une ao pai expulsa a mãe; quando se une à mãe expulsa o pai. Aquele que é o vértice em qualquer situação se torna bastante poderoso porque tem os outros dois vértices em suas mãos. Os pais de L terminam por precisar dele na relação entre eles e assim o jogo vai se mantendo.

O fruto ou produto desta qualidade de triangulação costuma ser dramático nos sintomas que produz. *E esta é a razão da minha escolha por esta família, para a apresentação, pois enfoca diretamente o tema proposto.* Se não vejamos:

1. Dores, enxaqueca em Hilda.
2. Alcoolismo, pressão alta em Roberto.
3. Indisciplina escolar e dificuldade de aprendizado em L.
4. Ansiedade, instabilidade, irritabilidade e depressão no sistema marital.
5. Se pensarmos nos sistemas familiares de origem, que com tanta força se fazem presente na família em questão veremos:

- Um processo imigratório também dramático da família de Roberto. Vieram fugindo do país de origem e consagrando nesta fuga derrotas e perdas significativas e dolorosas: patrimônio, poder, status e um futuro que se torna desesperançado. Os sintomas são gravíssimos (alcoolismo, problemas renais, doença mental) previstos para famílias que enfrentam problemas dessa ordem.

- Se observarmos, com a finalidade de contraste a qualidade do movimento migratório da família de Hilda é quase o oposto: eram lavradores, se tornaram pequenos comerciantes, com algum sucesso e casaram bem sua única filha. Vieram num anseio de luta, esperança e conquista, e em parte conseguida.

Esperamos com a narrativa que fizemos, não apenas ilustrar um pouco da Teoria da Família, mas principalmente demonstrar que o que ocorre no sistema familiar, impõe a presença da clínica médica nos diversos momentos da vida familiar, quer em seus ambulatórios, nas diversas enfermarias dos hospitais gerais ou de saúde mental. Quer as instituições possam reconhecer ou não, a partir do ângulo em que costumeiramente se colocam, elas estão atuando em áreas fundamentais da vida mental da família.

É uma grande possibilidade, uma mesa desta natureza; que permite a um Terapeuta Familiar poder testemunhar sua experiência, pensando a importância das enfermarias durante a realização do processo do seu trabalho, e a importância do trabalho do Terapeuta Familiar na obtenção de resultados na clínica médica. Muito obrigado.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ANDOLFI, M. *A terapia familiar*. Lisboa : Editorial Vega, 1982.
2. BERTALANFFY, L.V. *A teoria geral dos sistemas*. Petrópolis : Vozes, 1977.
3. WHITAKER, C. *El crisol de la familia*. Buenos Aires : Amorrostu Editores, 1982.

Recebido para publicação em 23 de abril de 1997.